

Melhor contar: uma entrevista com Tatiana Salem Levy

Entrevistada por Susana L. M. Antunes e Cecília P. X. Rodrigues

Desde o lançamento do seu premiado romance de estreia, *A chave de casa* (2007), a escritora brasileira radicada em Portugal, Tatiana Salem Levy, tem tido uma carreira prolífica, publicando literatura infantil, contos, crônicas, crítica literária, além de cinco romances até a presente data, sendo seu último livro, *Melhor não contar*, lançado em meados de 2024. Provocadas pela sua mundividência, fomos ao encontro da escritora para aprofundarmos questões complexas e pertinentes ao pensamento literário na contemporaneidade. Agradecemos à Tatiana pela disponibilidade em participar desta prazerosa conversa.

SLMA e CPXR: Após essas quase duas décadas exercendo a escrita como profissão, é possível vislumbrar o conjunto da sua obra e refletir sobre sua trajetória como escritora?

TSL: Engraçado você afirmar que se trata de uma carreira prolífica, pois tenho a sensação de ter publicado muito pouco. Não gosto de pensar em termos de carreira, porque essa palavra me passa a ideia de que estou caminhando para um lugar preciso, e sempre para cima. Escrever, ao

menos para mim, se confunde com a própria ideia de viver; portanto, não é um caminho linear. O que vou fazer em seguida não necessariamente é melhor do que o que fiz antes. Nunca sei para onde estou indo. Portanto, acho que só dá para pensar em termos de obra quando se para de escrever. Além disso, escrever em português significa, quase sempre, ter outro trabalho. Sou investigadora na universidade e faço sempre “bicos” para pagar as contas. São bicos relacionados à literatura, mas que estão distantes do que é escrever um livro. Ter a escrita como profissão, em português, significa não escrever apenas o que se gostaria de escrever. Mas, olhando para trás e pensando na minha trajetória, fico satisfeita de pelo menos ter conseguido não parar de escrever. Talvez isso seja o mais importante no fim das contas.

SLMA e CPXR: Pensando ainda na sua trajetória como escritora, há uma pergunta que, de forma geral, todos fazemos, incluindo os nossos alunos: como acontece, em você, o processo de escrita? Como toma a decisão de escrever sobre este ou aquele tema?

TSL: Cada livro nasce de uma forma diferente. Não há uma fórmula. Pelo contrário, eu diria que é o acaso que traz cada livro. Mas, sem dúvida alguma, a memória tem um papel fundamental no meu trabalho, e a minha escrita é frequentemente iniciada a partir de uma imagem do passado; uma imagem que me persegue, que trago comigo ao longo da vida. Por isso também, eu diria que é sempre difícil determinar o tempo de escrita de um livro. Em alguma medida, meus livros estão sendo escritos muito antes de começarem a ser escritos, desde o surgimento dessa imagem na minha memória, até a transformação dela em palavras. O que é certo é que cada livro tem que ter

um porquê, algo que me mova muito fortemente. Pode ser essa imagem do passado, mas também pode ser um lugar (no caso de *Dois Rios*, foi minha vontade de escrever sobre ilhas que me levou ao romance), uma história que ouvi de alguém (como a maldição do *Paraíso*) ou a história de alguém muito próxima que me toca particularmente (como é o caso de *Vista Chinesa*). Depois que sei sobre o que quero escrever, aí vou experimentando, escrevendo de forma aleatória, sem grande projeto, até encontrar a estrutura do livro. Uma vez encontrada essa estrutura, tudo fica mais fácil - embora nada esteja garantido. Sou sempre surpreendida por mudanças no meio do caminho. Penso que a escrita tem um caminho que é dela, não adianta querer dominá-lo demais.

SLMA e CPXR: *Ainda sobre o processo de escrita, a protagonista de A chave de casa faz a seguinte reflexão: "Se não sangra, a minha escrita não existe." Em uma conferência, uma pessoa fez o comentário de que sua prosa visceral dialogava com o teor existencial da escrita de Clarice Lispector. Você, como leitora da sua obra, consegue identificar ecos clariceanos na sua escrita? Expandindo um pouco mais, quais seriam as/os escritoras/es e livros que influencia(ra)m sua escrita? Com que textos a Tatiana tece intertextualidades?*

TSL: Acho difícil conseguir ser leitora da própria obra, com o intuito de identificar os ecos de outro autor. Eu não diria que os ecos clariceanos sejam tão evidentes, mas talvez eu esteja errada! Até porque Clarice foi fundamental na minha formação. Durante toda a minha adolescência e início da idade adulta, eu tinha uma paixão louca por ela. Conversava com ela em silêncio, escrevia para ela. Clarice foi a descoberta de uma literatura que entra, sem medo, no desconhecido

que existe em nós e no desconhecido do mundo. Alguns escritores homens foram muito importantes na minha formação, como Camus, Melville, Rosa, Machado, mas eu nunca quis ser eles. Eu queria sempre ser uma das minhas escritoras preferidas: Clarice, Virginia, Mansfield, Duras... Portanto, acho que essas mulheres devem aparecer de alguma forma no que escrevo. São escritoras que devorei.

SLMA e CPXR: Focando num outro livro seu Dois Rios (2011), sabemos que os dois rios representam metaforicamente uma irmã e um irmão e todo um percurso que os separa e que os une. Embora muitas resenhas e artigos acadêmicos já tenham sido publicados a propósito, gostaríamos que a Tatiana se debruçasse um pouco sobre a presença e a relação com a água doce e a água salgada ao longo da narrativa.

TSL: Vocês me põem para pensar! Nunca antes eu tinha refletido sobre isso... Uma das belezas da escrita é como há coisas que aparecem de forma inconsciente, sem qualquer intenção do autor, e aí os leitores vão lá e pescam! E todo um universo se abre, outro livro se faz. De fato, é interessante pensar que na praia de *Dois Rios* há essa confluência, esse encontro da água doce e da água salgada, e é nesse encontro que a paisagem se faz mais bonita, e também mais diferente, pois ela muda muito conforme a maré. O rio pode estar quase seco ou muito cheio, e isso altera o encontro. Talvez possamos pensar pela ideia de encontro, que é crucial nesse romance. Quando me surgiu a ideia de *Dois Rios*, eu queria escrever sobre duas ilhas - sou fascinada por ilhas, pela ideia de tempo e espaço suspensos que elas despertam - mas também sobre como o encontro com o outro nos altera, como esse encontro é a verdadeira “salvação,” ou transformação do ser. A

Marie-Ange é uma personagem enigmática que funciona na narrativa como a possibilidade desse encontro, da Joana e do Antônio serem afetados e, a partir desse afeto, mergulharem em lugares mais sombrios e intocados de si próprios. Então, pensando junto com vocês, talvez pudéssemos dizer que a relação com a água doce e a salgada pode ser uma metáfora do encontro, assim como uma metáfora das diferenças entre os irmãos. Quando crescem, se tornam quase o oposto um do outro, mas é como se os seus opostos estivessem escondidos neles, e a paixão por Marie-Ange proporciona esse encontro com o desconhecido de si mesmo.

SLMA e CPXR: A propósito do romance epistolar Vista Chinesa (2021), a Tatiana afirma que é [uma carta de amor contra a violência feminina](#). Quer aprofundar esta ideia?

TSL: Quando eu estava escrevendo *Vista Chinesa*, entreguei o manuscrito em andamento a algumas amigas. Uma delas, que é mãe, me disse que jamais escreveria uma carta dessas ao filho - que uma mãe jamais diria palavras tão brutas aos filhos, o que tornava o romance epistolar inverossímil. Fiquei com isso na cabeça e fui me respondendo. Em primeiro lugar, eu me disse que isso é literatura, então não me importa se na “vida real” uma mãe escreveria essa carta ou não. Depois, fui entendendo que em realidade essa carta era o maior gesto de amor que ela podia fazer pelos filhos, pois nela Júlia nomeia o que lhe aconteceu, a violência que sofreu. As crianças sempre sabem o que acontece numa casa, e quanto mais tentamos esconder mais os segredos se tornam fantasmas para elas, traumas não-ditos que tendem a se repetir de geração em geração. Isso tem sido cada vez mais estudado na psicologia. São os traumas intergeracionais. Na

psicanálise, a forma de você travar esse processo, interromper a repetição, é através da palavra. *Vista Chinesa* é, ele todo, uma tentativa de busca pela palavra certa, pela palavra que revela o mal que Júlia sofreu. Por mais que essa palavra não exista de fato, no sentido em que estamos aqui tratando de um indizível, ela conta, ela narra, e isso é o que de melhor pode fazer aos filhos - e a si própria.

SLMA e CPXR: *Ainda a propósito de [Vista Chinesa](#), o primeiro livro que escreveu como mãe, afirma que uma das suas obsessões como escritora tem a ver com os traumas que passam de geração em geração. De que forma expressa essa obsessão nos seus livros?*

TSL: Tudo começou com o meu primeiro romance, *A chave de casa*, que narra a história de uma personagem que herda do avô a chave de sua casa na Turquia e, com essa chave, toda uma história passada por descobrir. A narradora está deitada numa cama, sem conseguir se mexer. Quem fala é seu corpo, que carrega as dores de uma família que foi expulsa de suas terras desde a Inquisição em Portugal. Ela não conhece a história dos seus antepassados, mas seu corpo, sim. Ele traz os sintomas dos traumas vividos por gerações anteriores e exige que ela busque a sua história, nomeie-a para voltar a se mexer. Na altura em que escrevi este romance, eu estava lendo autores como Hélène Cixous, Jacques Derrida, Samuel Rawet, Franz Kafka, e fui observando como o corpo que “fala” era presente nesses textos, muitas vezes em relação com passados traumáticos que, por não terem sido nomeados, se manifestaram nos corpos das gerações seguintes. Isso me interessou muito, tanto pela minha história pessoal, quanto pelas

representações que encontrei na literatura desses traumas geracionais. Em *Paraíso*, o trauma volta a aparecer, na personagem Ana, herdeira de uma maldição familiar do século XIX, numa fazenda de café. Há sempre a ideia de que é preciso contar o que não foi dito, encontrar a história e as palavras, para desfazer aquilo que, por ter ficado na ordem do indizível, termina por ser uma maldição para os herdeiros.

SLMA e CPXR: Relativamente ao seu último livro, Melhor não contar (2024), você afirmou que “um livro não é um filho.” Quer partilhar um pouco mais sobre essa instigante reflexão? Em que esse romance se destaca/dialoga com seus outros livros?

TSL: Eu disse isso quando anunciei o livro porque é comum as pessoas te parabenizarem por mais um filho quando lançamos um livro - mas quem escreve e tem filhos, sobretudo quem escreve e é mãe - sabe que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Ter filho dá infinitamente mais trabalho, é uma responsabilidade que não se interrompe com o parto. Filhos são pessoas que a gente educa, com todas as nossas falhas, mas fazendo o melhor para se tornarem adultos dignos e repletos de afeto. Enfim, há uma lista interminável de coisas que distinguem filhos de livros, e só depois que fui mãe entendi que essa comparação não faz o menor sentido. Talvez tenha surgido como desculpa para os pais que escreviam não precisarem tomar conta dos filhos...

Esse é um romance bastante autobiográfico, talvez o mais autobiográfico de todos, no qual optei inclusive por manter o nome de algumas pessoas que se tornaram personagens. Retomo alguns temas de *A chave de casa*, sobretudo a relação com a minha mãe, a sua morte e o luto. Mas

aqui trata-se de pensar o luto mais de vinte anos depois da morte. Eu diria que é um livro sobre diferentes fases da vida de uma mulher - desde a menstruação, passando pelo assédio, pela maternidade, a separação, um aborto voluntário -, todas ligadas pela escrita e por uma reflexão sobre a escrita, que nasce com os diários das meninas, quando ainda são muito pequenas, e que estabelece um elo entre a escrita da mulher e o segredo, os silêncios. Como se a gente pudesse contar, mas só para os diários - como se escrevêssemos para não sermos lidas.

SLMA e CPXR: A questão da memória também está muito presente em todos os seus livros. Refiro, por exemplo, A Chave de Casa (2007), Dois rios (2012), Paraíso (2016) e Vista Chinesa (2021) onde os flashbacks e o tempo psicológico são privilegiados. Gostaríamos que comentasse esta opção nas suas narrativas.

TSL: A opção por trabalhar com a memória está diretamente ligada à obsessão pelos traumas intergeracionais. As histórias e a História surgem pelas memórias individuais e familiares - e a memória é sempre falha, contraditória, repleta de vazios. Não há memória sem esquecimento. Por isso, a opção pelos flashbacks e o tempo psicológico, um tempo não-linear, que não obedece às leis do tempo cronológico, algo que Marcel Proust e Virginia Woolf já tinham descoberto na literatura há muito tempo. Impossível escrever sobre a memória, ou escrever a memória, com uma narrativa sequencial. Algo que me fascina muito na memória é ela ser involuntária: o personagem não escolhe aquilo de que se lembra. É como se a própria memória se lembrasse a si própria, aparecendo sem aviso, como se ela fosse um sujeito, e não um predicado. Ela aparece do

jeito que quer, sempre em fragmentos, sem ordem cronológica. Então, me interessa muito, como escritora, trabalhar com essa forma da memória na escrita.

SLMA e CPXR: *Considera os seus livros políticos?*

TSL: No meu entender, toda literatura é política em alguma dimensão. O uso que fazemos da linguagem é sempre político - mas estou falando aqui de uma política própria da escrita, como diria Jacques Rancière. Então, não faço uma literatura engajada, no sentido que demos a esse termo na década de 1960, mas eu tento desenhar um contexto histórico específico a partir das memórias individuais, e isso, sem dúvida, é político. *Vista Chinesa* talvez tenha uma dimensão mais abertamente política, pois parte de um estupro real, de uma investigação policial real, e não deixa de ser, a partir de uma história individual e íntima, também uma denúncia daquilo que acontece com tantas mulheres no Brasil e no mundo. Acho que a literatura nos coloca em contato com situações extremas, muitas vezes sombrias, e isso é política, pois tem a ver com a forma como nos relacionamos, como a coletividade se forma e como nos transformamos a partir do contato com o outro.

SLMA e CPXR: *Levando em conta que seus livros são traduzidos para outras línguas, como você avalia a recepção da sua obra em outros países? De que maneira o diálogo com o público estrangeiro se assemelha ou difere da interação com o público brasileiro?*

TSL: A literatura brasileira - eu diria mesmo toda a literatura em língua portuguesa - ainda encontra muitas barreiras no exterior. Mesmo tendo sido publicada em quinze países, sinto que a recepção não tem o mesmo alcance que no Brasil. Somos sempre colocados naquela prateleira no canto da livraria, onde ficam os livros de países exóticos, é uma barreira bem difícil de ultrapassar. Mas eu não reclamo. Acho fantástico ser traduzida e ter leitores em outros países, mesmo que faça parte de um pequeno nicho. Até tenho conseguido boas entrevistas fora do Brasil, um bom espaço de crítica, e *Vista Chinesa* ficou na shortlist de um importante prêmio alemão. Acho que isso a gente consegue. O mais difícil é expandir o público leitor. Em relação à interação com o público, no caso de *Vista Chinesa*, achei a reação bastante parecida em todo lado - porque mesmo nos países onde não há tanto estupro como no Brasil e, sobretudo, não há tanta violência, a verdade é que o medo do estupro faz parte da formação da subjetividade de todas as mulheres. Então, de alguma forma, por mais particular que seja essa história, ela tem algo de universal.

SLMA e CPXR: Ao longo das últimas décadas, muitos têm sido os avanços relacionados à inserção da mulher escritora no cenário literário brasileiro. As escritoras ganharam mais espaço no mercado editorial e em premiações. Contudo, há ainda obstáculos e desafios a serem superados como, por exemplo, uma legitimação mais robusta da crítica literária. Partindo da sua perspectiva de escritora e também de estudiosa da literatura, de que maneira você reflete sobre essa importante questão?

TSL: Acho que o mercado editorial mudou muito na última década. Teve que se abrir para as vozes mais dissonantes, que ficaram silenciadas ao longo da história da literatura, incluindo a das mulheres. Hoje, há mais mulheres sendo publicadas, resenhadas e ganhando prêmios. Mas o que acho mais importante nisso tudo é o que elas contam em seus livros, que constituem narrativas de vivências nunca antes manifestadas na literatura, como o aborto, a menstruação, a maternidade, as violências sexuais. Afinal, nem todas as histórias haviam sido contadas, ainda tínhamos - e temos - muito o que contar. Mas a verdade é que ainda temos muito caminho pela frente. Ainda há resistência no mercado, na crítica e na premiação. Demora tempo para as mudanças se tornarem normalidade. Então, é como se tivéssemos que permanecer sempre atentas. Considero também que uma mudança importante seja o fato de que agora mais mulheres estão falando de mulheres, escrevendo sobre outras autoras, dialogando com elas - entendemos que há uma necessidade coletiva dessa batalha.